



A FILOSOFIA PRÁTICA DE CHRISTINE DE PIZAN

THE PRACTICAL PHILOSOPHY OF CHRISTINE DE PIZAN

Arthur Leandro da Silva Marinho

Mestre em Filosofia pela UFPE

Professor Efetivo da Rede Pública do Estado de Pernambuco – SEE/PE

arthurlsmarinho@gmail.com

Neste artigo apresentamos a filosofia prática de Christine de Pizan. A partir da obra *A Cidade das Damas*, a filósofa incentiva a participação das mulheres na vida pública, o que a torna fundamental para compreensão da fundamentação da mulher enquanto protagonista política em plena idade média. Além disso, a filósofa propõe uma reflexão e respeito daquilo que os filósofos diziam a respeito das mulheres. Nosso objetivo é estabelecer a relevância dos argumentos elaborados por Christine de Pizan no livro. Para atingir a finalidade proposta fizemos análise e expomos aqui as principais teses filosóficas do livro *A Cidade das Damas*. Ao fim, esperamos demonstrar que a filosofia prática de Christine de Pizan tem como pressuposto a inserção das mulheres na função de conduzir e estabelecer um bom governo temporal. Como resultado, esperamos que seja possível uma fundamentação da defesa das mulheres por meio da proposta da filosofia prática de Pizan.

Palavras-Chave: Christine de Pizan; *A Cidade das Damas*; Filosofia prática; Governo; Protagonismo; Mulher.

In this article we present the practical philosophy of Christine de Pizan. From the work *The City of Dames*, the philosopher encourages the participation of women in public life, this makes the philosopher fundamental for understanding the foundation of women as a political protagonist in the Middle Ages. In addition, the philosopher proposes a reflection and respect of what philosophers said about women. Our goal is to establish the relevance of the arguments elaborated by Christine de Pizan in the book. To achieve the proposed purpose we have analyzed and exposed here the main philosophical theses of the book *The City of Dames*. In the end, we hope to demonstrate that Christine de Pizan's practical philosophy presupposes the inclusion of women in the role of leading and establishing good temporal governance. As a result, we hope that a foundation for women's advocacy will be possible through Pizan's proposal of practical philosophy.

Keywords: Christine de Pizan; *The City of Dames*; Practical philosophy; Government; Protagonism; Woman.

Christine de Pizan nasceu em 1364, na cidade de Veneza, atualmente parte do território italiano. Ainda criança, mudou-se com a família para a França, onde cresceu em um ambiente favorável ao desenvolvimento intelectual e cultural. Seu pai, Tommaso di Benvenuto da Pizzano, era médico e astrólogo da corte do rei Carlos V, o que lhe proporcionou acesso privilegiado à biblioteca real. Nesse contexto, Christine teve contato com obras clássicas e manuscritos em diversas línguas, desenvolvendo uma formação erudita rara para mulheres de sua época. Ao longo da vida, destacou-se como filósofa, poetisa e escritora — e foi reconhecida por seus escritos ainda em vida. Produziu obras em defesa das mulheres e demonstrou admiração pela figura de Joana d’Arc. Viveu em meio a conflitos como a rivalidade entre borguinhões e Armagnacs, contexto político que influenciou seu pensamento. Sua escolha de escrever em língua vernácula, em vez do latim, reflete as transformações do período e marca sua inserção no espírito humanista e renascentista, contribuindo para o surgimento do Estado moderno. Segundo Schmidt (2020) e Deplagne (2020), Christine de Pizan obteve reconhecimento nas cortes, sendo admirada por figuras como João de Berry e o duque de Orléans. Seu pensamento político começou a se desenvolver no governo de Carlos V, época em que se difundiam traduções de autores clássicos destinadas a um público mais amplo, muitas vezes sem formação acadêmica, o que explica sua opção pelo vernáculo como língua de escrita.¹

Neste artigo, analisaremos alguns dos principais argumentos que compõem a filosofia prática de Christine de Pizan, destacando como suas obras articulam uma reflexão ética e política centrada na possibilidade de realização, na Terra, de um governo justo. Suas ideias expressam uma filosofia orientada à ação e à vida pública, na qual a figura do governante virtuoso representa o ideal de justiça e equilíbrio social. Dentro desse quadro, Christine defende a legitimidade da autoridade feminina e a participação ativa das mulheres nos assuntos públicos e intelectuais, desafiando as estruturas patriarcais predominantes na Idade Média².

No contexto da filosofia medieval, a filosofia prática — voltada para a moral, a política e a organização da vida social — frequentemente ocupava um lugar secundário em

¹ Durante o reinado de Carlos V (1364–1380), houve um intenso incentivo à tradução de obras clássicas para o francês, visando torná-las acessíveis à nobreza e à corte, que em sua maioria não lia em latim. Christine de Pizan, escrevendo em língua vernacular, contribuiu para essa prática e consolidou-se como uma das primeiras mulheres a viver da escrita, tratando de temas políticos e filosóficos em linguagem acessível. Cf. HULT, David F. *Christine de Pizan and the moral of history*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

² Christine de Pizan, em obras como *A Cidade das Damas* (1405), constrói uma defesa contundente da dignidade e das capacidades intelectuais das mulheres, propondo uma sociedade mais justa e equilibrada.

relação à filosofia teórica, mais vinculada à metafísica e à teologia.³ Christine de Pizan, ao contrário, valoriza a aplicação concreta da sabedoria filosófica na condução do bem comum, aproximando-se da tradição aristotélica retomada pelos escolásticos, mas reinterpretando-a sob uma perspectiva crítica quanto à exclusão das mulheres do espaço público. Assim, sua obra inscreve-se na história da filosofia como uma contribuição original e precursora, ao conjugar os ideais medievais de ordem e virtude com uma proposta de justiça inclusiva e transformadora. Se, porventura, alguém questionar o status de filósofa de Christine, nosso intuito aqui é trazer argumentos que possibilitem uma nova postura na sociedade, uma filosofia que repense a sociedade, que repense as funções sociais e a condição da mulher. Toda a vida de Christine foi destinada à reflexão e ao reposicionamento das ações da sociedade em relação à posição das mulheres nos textos dos grandes filósofos conhecidos em tempo. Sendo assim, seus escritos filosóficos demonstram o comprometimento dela com o período histórico social que estava inserida e, além disso, interessava-se com a participação e inserção das mulheres na vida pública, ao mesmo tempo, que estava preocupada de forma concreta e pessoal com sua contribuição prática na sociedade. A concepção de filosofia prática de Christine a torna porta estandarte do projeto humanista na Europa. Ela é reconhecida por antecipar a atitude filosófica de outros pensadores renascentistas que viriam posteriormente. Sua visão de mundo desenvolve e promove o pensamento de Aristóteles, Cícero, Sêneca, Agostinho, Boécio, como também, Dante Alighieri.

Ela articulou essa visão em muitos trabalhos, tanto em poesia quanto em prosa, e, de maneira bastante singular, ela tentou disponibilizar a sabedoria política e o conceito de boa vida encontrados nesses autores tanto para o público feminino quanto para o masculino. (BROAD & GREEN, 2009, p. 11, *tradução nossa*).

A perspectiva filosófica de Christine de Pizan revela um sólido domínio dela na tradição filosófica, sobretudo ao desenvolver uma filosofia prática que se articula com uma política feminina. Em *A Cidade das Damas*, Christine propõe uma reflexão ética e política enraizada na experiência concreta das mulheres, buscando transformar a ordem social a partir da valorização de sua dignidade e racionalidade. Sua filosofia prática se manifesta no compromisso com a justiça, a virtude e a ação, enquanto sua política feminina se expressa na construção de um discurso crítico que reivindica o lugar das mulheres na vida pública e intelectual. A Filosofia prática de uma política feminina pode ser compreendida como uma reflexão filosófica que busca articular teoria e ação política a partir da experiência, da

³ A distinção entre filosofia teórica (contemplativa) e prática (voltada à ação) tem origem em Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) e foi retomada por autores medievais como Tomás de Aquino, ainda que com maior ênfase na dimensão teológica.

perspectiva e das reivindicações de Christine de Pizan, ou seja, uma articulação a partir de uma sensibilidade do feminino. Isso envolve uma crítica às estruturas patriarcais do poder e a proposição de formas alternativas de organização social, ética e política que levem em conta o cuidado, a escuta, a reciprocidade e justiça de gênero. Após a morte do seu esposo escreve lamentos, tendo em vista que perdeu o seu esposo ainda muito cedo, o que a fez sentir de perto a condição da solidão. Acontece que paulatinamente vamos notando que seus escritos passam a ter uma conotação política cada vez maior. 1404 é um ano extraordinário na produção textual de Christine de Pizan, pois neste ano ela escreve o *A Cidade das Damas*, obra que aspiramos analisar minuciosamente aqui neste artigo. Nesta obra ela constrói uma cidade alegórica composta por mulheres, uma oportunidade para que seus leitores possam pensar uma vida prática em que a virtude adquira centralidade na sua visão política. Ela pensa e dirige conselhos a esta cidade de mulheres, antecipando e reivindicando os direitos e a cidadania feminina, em pleno século XV.

Que Deus seja louvado, minhas veneráveis Damas! Pois, nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual, com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas – as do passado, as do presente e as do futuro. Minhas caríssimas damas, é natural que o coração humano se alegre quando ele sai vitorioso de alguma agressão e que tenha conseguido confundir seus inimigos. A partir de agora, minhas damas, terão do que se alegrar, de modo honesto, sem ofender Deus, ao ver terminada essa Cidade que poderá ser, se a conservardes bem, não só um refúgio para vós todas, senhoras de virtude, mas uma fortaleza para vos defender dos ataques de vossos inimigos. Podereis ver que o material que ela foi feita é todo de virtude, e tão reluzente que todos vós podereis mirar-vos, sobretudo nos altos telhados do edifício, quer dizer, nessa última parte, assim como o que vos chama a atenção nas outras partes. (PIZAN, 2012, p. 338).

Nesta obra, ela é convidada a construir uma cidade virtuosa. Nesta empreitada é guiada por três damas ilustres, Razão, Retidão e Justiça. A cidade construída é perfeita e abriga todas as três damas, com honra e são hóspedes de destaque na cidade. Foi uma cidade construída com a honra e a virtude de mulheres virtuosas e honradas ao longo da história. É uma cidade virtuosa e forte contra qualquer inimigo das damas que naquela cidade habitam. Christine de Pizan constrói, auxiliada pelas damas, uma cidade para todas as damas virtuosas e, sem dúvidas, *A Cidade das Damas* é uma obra singular e originária que demonstra uma perspectiva filosófica feminina extraordinária. Sua filosofia prática tem influência do pensamento de Dante Alighieri, pelo fato de que é possível reconhecer que os temas estão interconectados. Vejamos que, na obra *Monarquia*, Dante Alighieri questiona os argumentos racionais acerca do estabelecimento do gênero homem. Parece que Dante sugere o argumento de que todos os homens pertencem a um mesmo gênero:

Para responder a este raciocínio, admito que dizem a verdade quando afirmam: “As coisas que pertencem a um mesmo gênero devem necessariamente reduzir-se a uma só do mesmo gênero que constitui a medida no âmbito daquele gênero”. Dizem ainda a verdade quando afirmam que todos os homens pertencem a um mesmo gênero e também chegam a uma conclusão verdadeira quando, por meio dessas premissas, inferem que todos os homens devem referir-se a uma só medida, comum ao gênero que lhes é próprio. Quando, porém, aplicam os princípios desta conclusão ao papa e ao imperador erram em termos “de acidente”. (ALIGHIERI, 2017, p. 110).

Podemos observar que este argumento de Dante surge no momento em que ele levanta o questionamento a respeito do sumo pontífice e do imperador terem em comum a pertença ao gênero de homens. O que ele está fazendo com isso é questionando o direito divino instituído na autoridade do pontífice. Dante rejeita o argumento de que a autoridade do principado romano é dependente da autoridade do pontífice romano e, sendo assim, a autoridade do papa não pode ser reduzida e a autoridade do principado romano também não pode ser reduzida porque todos os homens pertencem a um mesmo gênero. Por isso, ele diz “Com efeito, o homem é aquilo que é por forma substancial, pela qual pertence a um determinado gênero e a uma espécie e pela qual entre na categoria de substância.” (ALIGHIERI, 2017, p. 110). Assim, o que torna um homem um papa, ou imperador, ou pai ou senhor é aquilo que de forma accidental estabelece uma relação em uma determinada espécie e categoria. A autoridade é estabelecida por meio de relações de domínio, o que fará Christine argumentar que estas relações não são constituídas pelo gênero do governante. Alighieri propõe um questionamento profundo e uma oposição ao status de gênero dos filósofos antigos. Sem dúvidas, Dante é um dos precursores do movimento que repensa os direitos políticos das mulheres e reivindica a participação das mulheres enquanto sujeitos políticos.

Por esta razão, a visão política Christine tem como ponto de partida incentivar e positivar a participação das mulheres na vida pública e, com isso, elas entram no discurso político por meio da conceituação de virtude política. Acontece que, por meio dos seus escritos, Christine estabelece um compromisso com a formação da identidade das mulheres do seu contexto na vida pública.

Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com que convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar, na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e conduta das mulheres. (PIZAN, 2012, p. 59).

Christine de Pizan, através da obra *A Cidade das Damas*, reflete sobre a conduta e condição das mulheres, inclusive, como elas eram descritas pelos homens. Ela pensa e, além disso, descreve nesta obra as mulheres virtuosas que se sobressaem e se destacam notoriamente no seu tempo.

Nesta direção, sua filosofia parte da vida prática, da singularidade de sua existência concreta. Christine rompe com a abstração da filosofia tradicional, tendo em vista que sua filosofia reflete a partir de sua realidade concreta, questionando uma natureza feminina universal. Assim, ao perceber uma predominância dos discursos masculinos que justificava às mulheres, Christine assume uma postura filosófica crítica. Posto isto, sua filosofia emerge da experiência concreta das mulheres, da observação da vida cotidiana e da crítica aos discursos masculinos que historicamente as marginalizaram. Christine parte da realidade prática — não de abstrações — para refletir sobre a condição feminina, confrontando diretamente as representações misóginas que moldaram o imaginário social de sua época.

A visão que alguns homens ilustres retratam as mulheres, na maioria das vezes, colocavam as mulheres em situações desfavoráveis, o que faz Christine examinar e julgar a verdadeira conduta das mulheres.

As mulheres foram, por tanto tempo, abandonadas sem defesa, como um campo cercado, sem que nenhum herói viesse socorrê-las; e, no entanto, segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. Mas por negligência ou indiferença, aceitou-se que elas fossem maltratadas. Não é de se espantar que seus inimigos invejosos – e os insultos desses caluniadores que, por diversas formas, atacaram-nas – terminaram levando a vitória, em uma guerra desamparada, sem defesa. (PIZAN, 2012, p. 66).

Afinal, aquilo que os homens diziam nos livros acerca das mulheres era verdadeiro? Sem dúvida, por meio dos textos de Pizan vemos que o papel, a função e relevância de mulheres na Filosofia Prática são revisadas. As mulheres foram abandonadas e entendidas na Filosofia como aquilo que os grandes e ilustres filósofos queriam e de acordo com a conveniência deles. Por esta razão, acreditamos que existe uma relativa influência de Dante Alighieri na perspectiva filosófica de Christine de Pizan, tendo em vista que a Beatriz na *Divina Comédia* de Dante é a única mulher que não tem sua imagem desfavorecida pela condição de mulher e, talvez, esta perspectiva tenha influenciado a escrita de Christine, principalmente quando escreve sua obra *A Cidade das Damas*.

Além disso, Christine é reconhecida como uma herdeira da tradição de poetas e filósofos exilados. Por meio de seus textos ela relata a França como um espaço profícuo e de florescimento das ideias livres. Longe das terras de onde ela havia nascido e já estabelecida na França, Christine de Pizan percebe a França como um espaço em que é possível o

pensamento além das amarras medievais. Sua condição de mulher é um ponto importante que não deve ser desprezado a todos os leitores que pretendem se dedicar a leitura desta grande mulher filósofa:

Seu relato de suas tribulações é “autorepresentação altamente seletiva e estilizada”, na qual ela se posiciona como herdeira de uma tradição de poetas filósofos exilados e perseguidos. Em um verso antigo, ela fala da tradição da França de acolher exilados e convida o leitor a comparar seu estado viúvo, longe de sua Itália natal, como o exílio de Dante, que passou grande parte de sua vida viajando pela Itália após sua expulsão de Florença em março de 1302. Sua exclusão, como mulher, de uma posição de autoridade civil é, portanto, representada como semelhante ao exílio cívico injusto do poeta virtuoso. Ainda mais explicitamente, na visão de Christine, ela se coloca no papel de uma mulher Boécio. Em Boécio, ela encontra uma imagem poderosa com a qual pode identificar a exclusão de mulheres virtuosas do poder cívico e da autoridade moral, e se volta para ele em busca de consolo e inspiração. (BROAD & GREEN, 2009, p. 13-14, *tradução nossa*).

A exclusão da mulher na literatura é um ponto inegável na idade média. A escrita que parte da compreensão de si é proporcionalmente identificável nos escritos de Christine de Pizan. A sua autoridade enquanto filósofa não inferioriza a sua condição de mulher, de viúva precoce e mãe. Os comentadores de Christine apontam que nos seus escritos predominam a sua posição feminina, que é interpretado como um exílio da sua autoridade. Isso significa que ser mulher interferiu na sua visão de mundo e sua expressão manifestava as ideias e o mundo que viveu e, conseqüentemente, os seus escritos valorizavam sua condição de mulher em contraposição à predominância masculina. O que ela fez foi inovador, Christine marcou fortemente e transformou o universo literário e filosófico que ela estava inserida. Por esta razão, a filósofa chega a afirmar o seu incômodo com aquilo que era dito a respeito das mulheres. Ela percebe essa imagem das mulheres construída nos textos filosóficos dos importantes homens e filósofos e aponta que em suas obras existe um profundo engano.

Mesmo assim, continuei pensando mal das mulheres, dizendo que seria muito grave que tantos homens ilustres, tantos doutores importantes, do mais alto e profundo entendimento, com tanto esclarecimento – pois acredito que todos tenham sido assim - pudessem ter falado de maneira tão enganosa, e em tantas obras. Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples, fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres (PIZAN, 2012, p. 59).

Ela chega a afirmar que seria quase impossível encontrar um texto de moral que não houvesse separado alguma parte para repreensão das mulheres, somente pela condição de ser mulher. Por não concordar com a natureza das mulheres impregnadas e deturpadas nos tratados de moral, a filósofa Christine se propõe a construção de uma nova moral que resgatasse e ressignificasse a importância das mulheres na construção da concepção de virtude

na cidade das damas. Por este motivo, *A Cidade das Damas* é eminentemente um tratado de filosofia prática, pois as mulheres são importantes no restabelecimento da virtuosidade na vida concreta da cidade das damas. Christine de Pizan não adota os defeitos que foram impostos a ela e as mulheres ilustres nos tratados dos homens que escreviam a respeito da moral.

Não sabes que as melhores coisas que são discutidas e debatidas? Se considerares a questão suprema, que são ideias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta, igualmente, as opiniões de Platão e de outros filósofos, citando-os. E presta atenção ainda que Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral. (PIZAN, 2012, p. 62).

A dignidade e o papel das mulheres defendido pelos filósofos clássicos é questionado nos textos filosóficos de Christine, que chega a afirmar na sua obra *A Cidade das Damas* que estes homens não conseguem distinguir o certo no errado, se contradizem e se criticam e, por isso, estes filósofos ficam presos em suas superficialidades e não chegam as questões fundamentais da filosofia natural e moral.

A filosofia de Christine de Pizan insere-se no contexto do intenso debate conhecido como *Querelle des Femmes*, no qual se discutia a natureza, a dignidade e o papel das mulheres na sociedade. Em oposição à visão depreciativa amplamente difundida por muitos autores clássicos e medievais, Christine questiona os fundamentos dessas representações, denunciando a incoerência e a superficialidade de muitos pensadores que, ao falarem sobre as mulheres, acabam por revelar seus próprios preconceitos. Ressaltamos que na sua obra *A Cidade das Damas*, ela argumenta que esses filósofos frequentemente se contradizem, confundem o certo com o errado e permanecem presos a julgamentos morais apressados, sem alcançar as questões fundamentais da filosofia natural e moral. Ao fazer isso, Christine propõe uma reorientação crítica da tradição filosófica, articulando uma defesa da dignidade feminina a partir de um compromisso ético com a verdade e com a justiça.

Deste modo, Christine questiona a autoridade dos filósofos e escritores clássicos que perpetuavam visões misógenas sobre as mulheres. Ela observou que muitos desses homens se contradizem, criticam-se mutuamente e não conseguem discernir o certo do errado e, com isso, ficam presos em superficialidades que os impedem de alcançar as questões fundamentais da filosofia. Por isso, ela constrói uma perspectiva inovadora e contrária as principais

tendências que colocam a mulher numa condição de inferioridade, motivada por sua posição feminista num mundo predominantemente masculino.

Os motivos que levaram – e ainda levam – os homens a condenarem as mulheres, como os autores que leste, são diversos e múltiplos. Alguns tiveram boas intenções: eles o faziam para trazer ao caminho certos homens que pudessem ter ficado impressionados por mulheres luxuriosas ou da vida, ou então para impedi-los que se desviassem, frequentando-as. Para que todo mundo fugisse de uma vida luxuriosa, de depravação, eles caluniaram as mulheres em massa, na intenção de torná-las todas abomináveis. (PIZAN, 2012, p. 74).

Os motivos que levaram os homens a condenarem as mulheres são diversos, segundo Pizan. Alguns chegam, inclusive, a condenar as mulheres com o intuito de fugir da vida luxuriosa e, por isso, condenam em massa as mulheres e as tornam abomináveis. Além disso, Pizan argumenta que essas visões são baseadas em preconceitos e não em uma análise racional ou justa da natureza feminina. Por isso, ela constrói uma alegoria, em *A Cidade das Damas*, onde as mulheres virtuosas e sábias são celebradas, demonstrando que a capacidade intelectual e moral não é exclusiva dos homens. Destacamos que, essa postura crítica insere Pizan no contexto da *Querelle des Femmes*, caracterizado como um debate literário e filosófico que se estendeu do final da Idade Média até o início da modernidade. Esse debate girava em torno da natureza, virtudes e o papel social das mulheres. Por isso, Christine é considerada uma das primeiras vozes significativas neste debate, utilizando sua obra para refutar argumentos misógenos e defender a dignidade e capacidade intelectual das mulheres. Contrariando esta perspectiva, duas figuras marcam profundamente a visão de mundo de Christine e a forma como ela escreve e encara o mundo. Uma foi Dante Alighieri e a outra foi Boécio. Dante foi escritor, poeta e político nascido na cidade de Florença. Pelos estudiosos do seu pensamento, Dante é considerado como o primeiro poeta de grande repercussão na língua italiana, isso no século XIII. Esse registro é importante, pois com exceção *‘De vulgari eloquentia’* (*Sobre a Língua vulgar*) que foi escrita em latim, Dante escrevia em língua vulgar, ou seja, opunha-se ao latim que era a língua de discursos sérios, cultos, elitista e de elevado padrão. Dante escreve seus mais repercutidos textos na língua toscana, que era uma língua falada por uma elite da sociedade florentina. E esse registro na língua toscana possibilitará o reconhecimento e a padronização da língua italiana e, conseqüentemente, uma reflexão sobre o surgimento de estados modernos. Esse fato possibilita que Dante esteja registrado na história como um escritor e poeta de grande influência para o seu tempo pela extraordinária afirmação singular do modo de compreensão do mundo e do seu tempo. Dante foi condenado ao exílio perpétuo pelo Papa Bonifácio VIII que tinha intenção de ocupar Florença. E sentindo-se traído por todos os amigos

escreve a *Divina Comédia*, um poema dividido em três livros. Seu exílio foi um processo forçado e doloroso e isso deixa evidente em algumas passagens da *Divina Comédia*. Boécio é um filósofo e poeta romano e seus escritos serviram de fonte de inspiração para Filosofia Medieval. O conceito de eternidade e a busca pela sabedoria e amor de Deus como verdadeira fonte para que o homem atinja a felicidade serve a Christine como fonte de inspiração. Sendo assim, a filosofia de Boécio é caracterizada pelo estoicismo e é este estoicismo que marca a vida de Dante, tendo em vista que Dante teve um exílio forçado que perdurou por toda a sua vida. Não há dúvida que tanto o pensamento de Boécio quanto o pensamento de Dante estão registradas na forma que Christine de Pizan expressa o mundo e escreve sem abandonar esta perspectiva estoica de compreensão e ação sobre o mundo.

A filosofia estoica de Boécio também influenciou profundamente Dante, um escritor cuja visão política e visão de mundo permeiam os escritos de Christine. No início do século XV, Dante era pouco conhecido na França. Philippe de Mézières, que foi fundamental para incentivar o pai de Christine ir à Paris, menciona-o em seu 'Sonho do velho peregrino'. Mas é Christine, em seu poema "O caminho da longa aprendizagem", a primeira pessoa na França a imitar Dante e a se apropriar de elementos de seu pensamento político. Dois aspectos interconectados da perspectiva de Dante influenciam Christine. A primeira é sua atitude em relação às mulheres e sua concepção idealizada do papel moral das mulheres. O segundo é o otimismo político e a fé de que a paz e a felicidade são possíveis no âmbito temporal. Esses dois aspectos do pensamento de Dante estão conectados através de uma teoria da interpenetração do amor divino e humano. (BROAD & GREEN, 2009, p. 14-15, *tradução nossa*).

A Filosofia de Boécio está de forma muito evidente permeada nos escritos de Christine. Mézières foi um escritor, prestigiado soldado, chanceler francês e conselheiro de confiança do rei francês Carlos V. Além disso, foi tutor do rei Carlos VI, filho do rei francês Carlos V e com a morte deste rei foi forçado a se aposentar. Com a aposentadoria compulsória passa a viver num convento em Paris ainda exercendo influência em muitos assuntos políticos. Com o tempo Philippe se aproxima novamente do rei Carlos VI e é nesse período que escreve a maioria dos seus escritos como 'Sonho do velho peregrino' e outros que conhecemos com temas devocionais. Com sua influência na corte, Philippe de Mézières incentiva o pai de Christine, com a nomeação na corte do rei Carlos V, a estabelecer residência em Paris. Christine, já em Paris, é considerada a primeira pessoa a 'imitar' Dante Alighieri na França com seu livro 'O caminho da longa aprendizagem'. Este poema de Christine é uma alegoria dos sonhos, em que a autora desenvolve narra uma jornada pela terra e esferas celestes. Nesta jornada, ela testemunha um debate na corte a respeito das qualidades ideais para o rei no mundo. Ao fim, essa pessoa deve ser escolhida pela corte da França e Christine é apontada, nesta obra, como a mensageira para entrega do veredito à corte francesa. Nesta direção, como é apontado pelos comentadores, já notamos uma

aproximação dos elementos políticos de Christine e Dante e, além disso, uma ligação explícita da filosofia política na perspectiva política de Christine. Além disso, é apontado dois aspectos importantes que interconectam o pensamento de Dante e Christine:

1. Trata-se da atitude em relação ao papel das mulheres nos escritos deles;
2. O otimismo político de ambos os escritores e a constante esperança de que a paz e a felicidade são possíveis de serem atingidas aqui mesmo, na terra.

Estes dois aspectos compõem uma temática que interconecta os autores. Por esta razão, é importante discutir o papel das mulheres enquanto escritoras, como também, enquanto personagens dos textos que emergiram no contexto filosófico e literário de Christine de Pizan. Aqui uma das três damas virtuosas se dirige a filósofa e diz:

Ficamos muito comovidas com teu desespero e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só conheces através da pluralidade de opiniões alheias. Pareces que aquele parvo, cuja história é bem conhecida, que tendo adormecido no moinho, foi adornado com roupas de mulher e que, ao acordar, deu crédito às mentiras daqueles que caçoavam, afirmando que ele havia se transformado em mulher, ao invés de recorrer a sua própria experiência. Mas, bela filha, o que aconteceu com teu bom senso? Esqueceste que o ouro é refinado na fornalha; e ele não se altera, nem muda suas características; pelo contrário, quanto mais ele é trabalhado, mais fica purificado (PIZAN, 2012, p. 61-62).

De fato, historiadores da filosofia são acusados de replicar metáforas em que a imagem da mulher estivesse numa condição de inferioridade em relação a condição masculina, por meio de metáforas, as mulheres estavam identificadas a ausência de controle e temperamento e nas vezes que aparecem nos textos medievais estavam identificadas a lascívia e a satisfação desejo carnal dos homens.

Algumas filósofas feministas reclamam que a história da filosofia está repleta de imagens e metáforas que tendem a degradar as mulheres, identificando-as com o corpo e o desejo carnal. Eles argumentam que essas associações metafóricas fornecem uma relação problemática entre mulheres e filosofia. No entanto, na poesia de Dante, encontramos uma tradição de alegoria que é muito mais positiva para as mulheres e que pode ter facilitado o caminho de Christine de defender uma reivindicação como autoridade filosófica. O ponto central do mundo de Dante é Beatrice, uma mulher que inspira seu amor e intercede para que ele desfrute da visão do inferno, do Purgatório e do céu que ele expõe na *Divina Comédia*. A Beatriz de Dante era obviamente uma mulher de verdade, mas ela também é uma personificação da caridade ou do amor de Deus. A compreensão de Dante da sabedoria cristã, e o lugar que ele representa as mulheres como ocupantes do mundo espiritual dos homens, deriva de uma vertente da literatura filosófica que é uma fonte mais fértil para as mulheres do que o sexismo descarado de Aristóteles. (BROAD & GREEN, 2009, p. 15, *tradução nossa*).

Acontece que é impresso uma imagem positiva na figura da mulher na poesia de Dante, o que é tido como importante a ser destacado tendo em vista a inovação desenvolvida por Dante na sua poesia por meio de sua personagem Beatriz. Christine dentro da tradição da alegoria defende e reivindica a autoridade filosófica da mulher enquanto personagem e,

Rev. Helius	Sobral	v. 5	n. 2	p. 57-82	Especial
-------------	--------	------	------	----------	----------

principalmente, enquanto escritora e produtora de textos filosóficos. Há relatos que a personagem Beatriz presente nos textos de Dante tenha realmente existido e, com a morte dela, dedica-se ao estudo de Filosofia com o intuito de controle das paixões e essa excessiva paixão pela filosofia é criticada por Beatriz, como se lê na *Divina Comédia*. Deste modo, a *Divina Comédia* é a viagem de Dante através do inferno, purgatório e paraíso, guiado pela amada Beatriz no Paraíso, que é o símbolo da graça divina. Christine de Pizan coloca em destaque a representação das mulheres, oferecendo uma nova perspectiva que se distancia da tradição misógina dominante. Em *A Cidade das Damas*, obra que analisamos aqui, as mulheres não são retratadas em posição de inferioridade; ao contrário, a autora apresenta figuras femininas marcadas por virtudes, sabedoria e dignidade, desafiando os estereótipos negativos perpetuados por muitos autores clássicos.

Christine desafia a avaliação de Aristóteles sobre as capacidades das mulheres, mas ela também herdou muito da tradição que descendia dele. Ela estava em débito com Boécio para registrar a data, 15 de outubro de 1402, quando uma cópia de Consolações chegou a suas mãos. Ela combina sua visão onírica, O longo caminho do aprendizado, com um breve resumo do Consolação, que ela se concebe lendo pouco antes das experiências ficcionais que ela relata. Aristóteles começou sua Ética com uma prova de que deve haver um único bem maior, que é desejado por si próprio e que ele chamou de eudaimonia, e que, nas obras de Christine, é chamado *felicité humaine*. O período helenístico assistiu a um vigoroso debate sobre a natureza do bem maior. Deveria ser identificado com prazer, como alegavam os epicuristas, ou com virtude, como afirmavam os cínicos e estoicos? Em Boécio, encontramos uma transformação cristã da visão estoica de que a felicidade é idêntica à virtude. O bem maior é Deus, para que a felicidade humana se identifique com a participação em Deus. Deus é aqui pensado de maneira platônica como uma forma e não como uma substância individual. Após a identificação de Deus com o bem maior, Tomás de Aquino identifica o desejo de verdade (perseguido no estudo da metafísica) com o desejo de entender Deus (teologia). As ideias políticas de Christine emergem desse cenário. (BROAD & GREEN, 2009, p. 17-18, *tradução nossa*).

Christine ultrapassa a perspectiva aristotélica em relação ao protagonismo das mulheres em seus textos e, além disso, Christine representa um novo protagonismo feminino de mulheres filósofas. A participação de personagens nos seus textos e, especificamente, na *Cidade das Damas* registra um forte e ativo protagonismo. Sem dúvida, ela é receptora da tradição literária iniciada por Boécio e, sendo assim, as obras de Christine registram uma profunda preocupação com a felicidade. Em Boécio existe um profundo interesse de conciliação da vida cristã com o pensamento estóico, o que parece que também foi incorporado por Christine. Em Boécio, a felicidade é idêntica a virtude e a felicidade humana encontram-se no reconhecimento de Deus. Assim, felicidade e virtude são idênticas, o curioso é que a perspectiva que Christine tem muita estima por esta visão. A identificação de Deus como um bem maior e, com isso, a busca em entender a Deus deve ser a busca por

desejar a Deus, e é nesta perspectiva que emerge o pensamento filosófico de Christine de Pizan. Ela é a escolhida para receber a mensagem das damas ilustres e construir a *Cidade das Damas* louváveis e virtuosas.

Foste tu escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes. (PIZAN, 2012, p. 66).

Vale ressaltar que a *Cidade das Damas* é uma cidade em que habitarão todas as damas virtuosas. Por isso, ela minuciosamente resgata dentro da história e da filosofia as mulheres ilustres que contribuíram na história da humanidade. O interesse de Christine de Pizan pela filosofia política está profundamente enraizado no contexto sociopolítico de sua época, marcada por instabilidade política e debates sobre autoridade e legitimidade no final da Idade Média. Em meio a esse cenário, Christine defende a capacidade das mulheres para exercer funções públicas e de liderança, buscando legitimar sua autoridade como governantes e conselheiras. Em obras como *A Cidade das Damas*, ela não apenas contesta os discursos misóginos, mas também reivindica o espaço político das mulheres, argumentando que a virtude, a razão e a justiça não são exclusividades masculinas. Seu pensamento antecipa discussões fundamentais sobre gênero e poder no campo da filosofia política. Assim, nos escritos de filosofia de Pizan existe uma profunda preocupação com o governo e a construção do estado. A perspectiva de Christine é um governo de esperança em relação ao governo temporal. A paz, para ela, é a representação de um governo bom na terra. A filosofia política de Christine é entendida assim:

Para os pensadores modernos, o interesse de Christine na tradição profética pode parecer prejudicar a seriedade de seu pensamento político. No entanto, há um sentido em que o otimismo em relação à possibilidade de apenas um domínio temporal, que ela herda de Dante, sustenta sua fé de que em um mundo ordenado pelos princípios conhecíveis de um Deus totalmente bom, um governo virtuoso é possível e será recompensado com paz. Seguindo esses temas, podemos interpretar a mensagem política da Visão de Christine, na qual, de acordo com a introdução explicativa, o destino de Christine deve ser lido como um microcosmo do destino da França e do universo. Assim como as tribulações individuais de Christine, contadas no terceiro livro, a levam a entender a verdadeira natureza da felicidade, que é a participação em Deus e, portanto, na Santíssima Trindade de Fé, Esperança e Caridade, as tribulações da França - igualmente representadas como viúva abandonada - devem ser lidas como punições destinadas a trazer o reino à perfeição moral. (BROAD & GREEN, 2009, p. 23, tradução nossa).

Um governo virtuoso é possível dentro da efervescência do contexto social, político e econômico que Christine estava inserida, ou seja, para falar da filosofia política na perspectiva de Christine de Pizan é importante resgatar a compreensão dela a respeito da França. Assim, a natureza da felicidade deve ser pensada e discutida em situação análoga a

qual a França estava politicamente. Logo, a verdadeira natureza da verdade e os princípios desejáveis são os princípios da fé, esperança e caridade que definem a relação entre os indivíduos. Nesta direção, a *Cidade das Damas* é uma cidade guiada pelas damas ilustres Razão, Retidão e Justiça que transmitem sua mensagem a Christine, que é a responsável pela recepção da mensagem das damas e edificação da cidade virtuosa.

E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só, na medida em que não conseguimos nada uma sem a outra. O que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou acabamento e conluo. Foi para isso que todas três puseram-se de acordo: para que eu viesse em tua ajuda para dar o acabamento e terminar tua Cidade. Ficará, sob minha responsabilidade, fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todas de ouro fino e brilhante. Enfim, eu povoarei de mulheres ilustres para ti e trar-te-ei uma altiva rainha; a quem as outras damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagem e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será construída, fortificada e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos. (PIZAN, 2012, p. 71).

As três damas, juntas, são fundamentais para a edificação da cidade virtuosa das damas e as três têm uma equidade na responsabilidade na construção da cidade. A dama Razão é responsável por propor as bases da cidade, a dama Retidão organiza a cidade e, por sua vez, a Justiça realiza o acabamento para o estabelecimento da cidade virtuosa. A dama Justiça é responsável pelo povoamento da Cidade das Damas e é a Justiça que estabelece as residências e mansões que cada dama virtuosa ocupará na Cidade das Damas. E todas as damas, ali habitando com a presença das três damas ilustres reconhecerão o valor da dama Christine de Pizan. E esta cidade será uma cidade fortificada e inabalável e nas mãos de Christine ficará a responsabilidade das chaves da Cidade das Damas. Além disso, há uma preocupação com a perfeição moral almejada pelo bom governo. Por isso, a Filosofia de Christine é uma filosofia prática, preocupada e atenta aos problemas da França do seu tempo. Curiosamente, vejamos que o texto *Monarquia* de Dante Alighieri aponta que a virgem Justiça evita o comportamento e qualidades que possam desviar o bom governante da virtude:

Além disso, o mundo está perfeitamente disposto quando nele a justiça é exercida em toda plenitude. Por isso Virgílio, desejando celebrar aquela época que parecia renascer nos tempos dele, cantava nas Bucólicas: “Já a Virgem regressa e voltam os reinos de Saturno”.

“Virgem”, de fato, era chamada a justiça, que era também denominada Astreia. “Reino de Saturno” eram definidos aqueles tempos extraordinários, chamados também “tempos áureos”. A justiça em seu mais alto grau só existe sob o monarca. Para a melhor ordenação do mundo é necessária, portanto, a monarquia ou império. ALIGHIERI, 2017, p. 43).

Vemos que Alighieri define a monarquia como um único modo necessário para o estabelecimento do bem-estar no mundo. Para que o príncipe possa estabelecer um bom

governo é necessário o auxílio da justiça. Dante ressalta neste parágrafo selecionado de *Monarquia* a importância da justiça para o bom governo. A justiça é uma virtude imprescindível para um governo. E, por isso, na *'Cidade das Damas'* a virtude justiça é apresentada como aquela que primeiro se comunica com Christine. A justiça não é mais uma dama a serviço da igreja. A dama Justiça na concepção feminista de Christine é uma dama imprescindível para o estabelecimento do bom governo, sem necessidade de mediação de homens, sem necessidade de mediação da igreja. Por isso, qualquer pessoa que governe pode ser um bom governante, pois quando um governo é um governo justo torna-se indiferente o fato do governante ser homem ou mulher. Para Christine, é possível que a paz, a justiça e a prosperidade, qualidades desejadas por todo governantes aos seus territórios e subordinados, sejam seguidos e, além disso, tais qualidades são consequências de um governo sábio para a efetiva concretização de um bem comum desejada por Deus a todos aqueles que o seguem.

E mesmo quando ela está preocupada, em um nível mais prático, em aconselhar um príncipe ou uma princesa, Christine assume que paz, justiça e prosperidade são possíveis desde que o príncipe ou a princesa seja suficientemente sábio e virtuoso para poder segui-lo. Deus manda e produz o bem comum. (BROAD & GREEN, 2009, p. 25, *tradução nossa*).

Nesta direção, podemos entender que a filosofia de Christine de Pizan é uma filosofia prática, pois há uma preocupação com conselhos a príncipes e princesas para que haja um melhor reino aqui na terra mesmo. A virtude na concepção de Christine deve ser entendida como uma participação e concretização da verdadeira piedade. Nesta direção ela tem uma perspectiva otimista, pois sua filosofia prática parte do pressuposto da possibilidade de que é possível que o governante alcance as virtudes aqui no governo temporal, não é uma visão negativa ou descontente, antes é uma filosofia otimista e positiva com relação ao uso do poder para o governo temporal. Por esta razão, segundo comentadoras, ela é entendida e descrita como instauradora dos valores renascentistas.

Embora Christine imagine a virtude como participação na piedade, ela é muito mais otimista sobre a possibilidade de exercer a virtude no domínio temporal do que os autores medievais anteriores. Suas atitudes são, assim, justamente descritas como humanistas. Seu humanismo manifesta-se na crença de que uma vida ativa dedicada a trazer bem temporal para os outros, embora possa não ser a vida mais elevada (que ela admite ser a vida da contemplação de Deus), é, no entanto, uma expressão digna da caridade ou amor de Deus. E sua alta consideração pelas virtudes ativas, tão manifestas nos romanos, às vezes a leva a discordar de seu herói Boécio. E sua alta consideração pelas virtudes ativas, tão manifestas nos romanos, às vezes a leva a discordar de seu herói Boécio. Ela vê o desejo de glória e boa reputação como fundamentalmente benéfico, acreditando que a virtude dos romanos era motivada pelo costume de realizar atos públicos de reconhecimento, o que fomentava o desejo de adquirir renome por boas ações. Ela é levada a concluir que, apesar do fato de Boécio argumentar em seu terceiro livro, não

buscar muito ardentemente a glória neste mundo... ‘, que...’ para quem vive moralmente na vida ativa, desejar glória por uma causa justa não é um vício. No entanto, como veremos, ela também não seguiu servilmente os antigos, pois percebeu, com razão, que os textos deles eram a fonte de muita misoginia medieval. (BROAD & GREEN, 2009, p. 26, *tradução nossa*).

O humanismo de Christine de Pizan é uma expressão de uma mulher dedicada e interessada na realização do bem no mundo temporal para todos, homens e mulheres. A vida mais elevada para ela é a contemplação de Deus. E mesmo que a vida temporal não seja a mais elevada há uma profunda atenção e cuidado com a vida prática na vida temporal. A virtude na vida temporal é manifesta pela admiração que ela nutria pelos poetas e filósofos romanos, mesmo que às vezes tenha que discordar. O desejo de glória e a boa reputação, por exemplo, é considerado por ela como práticas benéficas para este mundo temporal. Ela apontava que a virtude como os poetas e pensadores romanos expunham em seus textos tinha a motivação de exibição e reconhecimento em atos públicos, somente. Porém, essa motivação já seria um indicativo de intenções para concretização de boas ações no governo temporal e seria uma prática incentivada pelos governantes. O fato é que esta admiração aos antigos não era seguida à risca por Christine, pois como comentadores apontam, ela tinha consciência de que os textos destes homens romanos eram fonte de misoginia, isso em plena idade média. O romance *A Cidade das Damas* é uma proposta inovadora pensada por Christine no século XV, pois em seu romance reina a feminilidade, ou seja, é um livro cujo destaque é dado às mulheres. O reino pensado por Christine é um reino mantido pela Amazonas, cujo domínio das mulheres perdurará por séculos. É um reino novo, um reino da feminilidade.

Depois do discurso da primeira dama, chamada Razão, a segunda, que tinha o nome Retidão, dirigiu-se a mim, começando a falar-me assim: “Cara amiga, não vou abandonar minha tarefa de construir, com tua ajuda, os edifícios que serão contornados e protegidos pela muralha, edificada pela minha irmã Razão, que guarnecem a fortaleza da Cidade das Damas”. Pegue as tuas ferramentas e venha comigo. Não hesite; misture a tinta no cartucho e, com a tua pluma, comece a construir, pois, fornecer-te-ei material suficiente para, em poucas horas, e com a ajuda divina, termos edificado os altos palácios reais e nobres mansões das excelentes e ilustres damas gloriosas que serão hospedadas nesta cidade, onde residirão para sempre.”

Então, eu, Christine ouvindo as palavras da honrada dama, disse assim: Excelentíssima dama, eis-me aqui pronta. Ordenai-me, pois, meu desejo é de obedecer.

E ela disse-me assim: Amiga, veja as belas pedras reluzentes, mais preciosas do que todas as outras, que encontrei e preparei para utilizar nessa construção. Crede que iria ficar oitiva, enquanto tu e Razão trabalháveis arduamente? Agora, arrume-as de acordo com a linha que tracei aqui e seguindo a ordem que te dei. (PIZAN, 2012, p. 166).

A dama Retidão é responsável de, juntamente com Christine, construir a Cidade das Damas, cujas bases foram edificadas pela ação da dama razão. É um reino em que a capacidade das mulheres em governar é preponderantemente celebrada. A Retidão convida Christine a edificar as habitações e mansões para uma dama ilustre, a Virgem Maria. A Cidade das Damas é construída por Christine de acordo com os planos e as ordens precisas da dama Retidão. As mulheres são partícipes em grau de igualdade no reino descrito por Christine. As mulheres têm destaque e são valorizadas nos escritos de Christine, o que foi destoante dos demais escritos do seu tempo. É importante e inovador o papel das mulheres descrito por Christine em *A Cidade das Damas*. Nesta perspectiva, a filosofia de Pizan coloca em grau de igualdade as mulheres na busca pelo bem comum.

No Livro *A Cidade das Damas*, Christine anuncia o que chama de “um novo romance de mulheres” (um novo reino da feminilidade). Este domínio é a substituição do antigo ‘royaume et la seigneurie des femmes’ [reino e domínio das mulheres] mantido pelas Amazonas, que Christine descreve como tendo durado muitos séculos. Seu novo reino, a Razão promete a ela, vai durar ainda mais. No novo reino da feminilidade, a prudência e a capacidade das mulheres de governar a si mesmas e aos outros serão celebradas. As mulheres, como participantes iguais nos planos de Deus para a humanidade, serão incluídas como iguais na busca pelo bem comum. (BROAD & GREEN, 2009, p. 27-28, tradução nossa).

O livro *A Cidade das Damas* garante às mulheres não um papel especial, mas uma igualdade a todos os partícipes pela promoção do bem comum e dos planos de Deus na humanidade. A participação das mulheres nos escritos de Christine de Pizan é um reflexo e resguardo do direito da mulher em governar, cujo intuito seria uma defesa do direito de Isabel, rainha da França, em conduzir o governo da França. A rainha Isabel foi reconhecida por Christine como uma mulher virtuosa e de hábitos nobres, Christine se agrada em honrar as mulheres com o intuito de defender Isabel dos críticos que acusavam injustamente que Isabel não poderia governar por ser mulher. Nesta direção, Christine defende Isabel e generaliza o argumento de defesa das mulheres a todas as mulheres virtuosas contra as opiniões desonestas acerca da capacidade de governança de mulheres.

Isso nos permite ler a defesa de Christine das mulheres governantes, particularmente seus relatos de regentes do sexo feminino, como Fredegund e Blanche de Castela, que figuram com destaque no Livro da Cidade das damas, reforçando o direito de Isabel de governar como regente durante seus períodos. loucura do marido. De fato, os capítulos 13–15 da primeira parte da Cidade das damas são inteiramente abordados com exemplos de viúvas da história antiga e de experiências francesas mais recentes, que governaram bem seus países ou propriedades. (BROAD & GREEN, 2009, p. 28, tradução nossa).

A rainha Isabel foi a esposa do rei Carlos VI, desde 1385. O esposo de Isabel sofre de uma doença mental progressiva o que faz com que Isabel agisse, muitas vezes, com a autoridade de governança do rei Carlos VI. Christine faz uma defesa das mulheres

governantes cuja finalidade é embasar o direito de Isabel de governar a França. Pizan coloca em evidência as experiências bem-sucedidas de mulheres enquanto governantes evidenciando que não há limitações para que uma mulher exerça um bom governo. Foi a guerra entre Armagnacs e Borguinhões que brigando pelo poder, fez com que Isabel tivesse um papel decisivo enquanto herdeira do trono francês. Sofre inúmeras difamações e, inclusive, a rainha chega a ser presa e impedida de governar. Christine de Pizan exerce um papel fundamental na defesa de Isabel. Comentadoras ao fazer uma revisão minuciosa da vida de Isabel dizem que a reputação negativa foi injusta e consequência de uma propaganda difamatória à rainha Isabel. O Tratado de Troyes, assinado entre o rei Henrique V da Inglaterra e o rei Carlos VI da França, foi um ato importante do governo assistido pela rainha Isabel. Além disso, após este tratado Isabel vê Paris sendo ocupada pelos ingleses até sua morte. O tratado passava a sucessão do governo da França, após a morte de Carlos VI, para o rei Henrique V da Inglaterra. Parece que ele não foi bem aceito pelos franceses. A sucessão do governo francês e sua posição política melhorou substancialmente com a aparição de Joana D'Arc como uma grande líder militar e espiritual da França. Foi sua figura carismática que impulsionou as tropas a importantes vitórias que criaram caminho para coroação de Carlos VII. E após sucessivas vitórias em favor do rei francês contra o governo da Inglaterra, Joana D'Arc torna-se heroína nacional para o povo francês.

Em várias ocasiões durante a luta entre os borgonheses e os armagnacs, resultante da incompetência de Carlos VI, Isabel tentou afirmar sua autoridade como regente. No entanto, como Christine bem entendeu, as representações clericais entendiam as mulheres como exemplos de humanidade não confiáveis, mutáveis e defeituosos minaram a autoridade da rainha e a da 'arrumadeira' que se propôs a defendê-la. Certamente não é coincidência, portanto, que Isabel solicite a coleção suntuosamente iluminada das obras de Christine, que culmina no Livro da Cidade das Damas, a tempo de ser apresentada a ela no início de 1414. Pois foi exatamente nesse período que seu chanceler, Robert le Maçon, discutiu no conselho real, diante do fracasso de Louis de Guyenne em cumprir a esperança de que ela governaria - expresso por Christine em seu livro da paz - que Isabel deveria liderar o governo. A direção do governo durante as ausências do rei havia sido inicialmente entregue a ela. (BROAD & GREEN, 2009, p. 29, tradução nossa).

Consequências da incompetência das ações de Carlos VI, Isabel tentou afirmar sua autoridade em vários momentos questionada por grupos políticos dominantes. Christine compreende que essa resistência à autoridade de Isabel ocorre em decorrência da rejeição de representações masculinas clericais que rejeitam a autoridade de uma mulher. Essa rejeição ocorre porque entendiam que as mulheres como não confiáveis, defeituosas e limitadas. Por esta razão, Christine insiste incansavelmente na defesa da mulher enquanto ser político e capaz de governar contra a elite dominante masculina e clerical. Inclusive, Isabel tem conhecimento do livro *A Cidade das Damas* e toma consciência da competência e habilidade

da mulher enquanto governante virtuosa. Christine acredita e demonstra a capacidade da mulher enquanto boa governante guiada pela Razão, Retidão e Justiça. A última das três damas a guiar Christine na construção é a dama Justiça. A Justiça vem para finalizar a construção da cidade e, contudo, ainda há muito a ser feito para finalização. A cidade deve receber e abrigar a dama mais ilustre entre todas as mulheres, a virgem Maria, que é a mãe do salvador, verdadeiro Deus, como também, verdadeiro homem. A excelentíssima rainha governará a multidão de nobres damas do seu magnífico palácio.

Dama justiça veio a mim, com todo o seu esplendor e disse-me: “minha cara, na verdade, vejo que trabalhastes bem, com muita força, dando o melhor para ti, para com a ajuda das minhas irmãs, finalizar a construção da Cidade das damas, que tu havias tão bem começado. É chegada a hora de providenciar, como te havia prometido, o que ainda resta a fazer, ou seja, trazer a excelentíssima Rainha, bem-aventurada entre todas as mulheres, para que ela resida, aqui, na sua nobre suíte, governando e reinando esta cidade, onde será obrigada a grande multidão de nobres damas de sua corte e da sua mansão. Vejo que os palácios e as magníficas mansões estão acabados e decorados, e que todas as ruas estão cobertas de flores para acolhê-la com seu nobre cortejo de mulheres distintas.

Que venham, então, as princesas, damas e mulheres de todas as classes, na frente, para acolher, com honra e devoção, aquela que não somente é rainha, mas que tem ainda poder e autoridade sobre todas as potências do mundo, depois do único filho que ela teve concebido pelo Espírito Santo, e Filho de deus Pai. Todavia, é justo que essa assembleia de mulheres suplique à elevada, excelentíssima e soberana princesa, o consentimento de descer e vir habitar entre elas aqui na terra, na sua cidade e congregação, sem desprezo para com a pequenez delas em relação à sua grandeza. Não há dúvida de que sua inigualável humildade, sua bondade mais que angelical, não a obrigam a aceitar nosso convite de vir habitar na Cidade das Damas, onde ela terá o mais alto lugar, o palácio que minha irmã Retidão lhe preparou e que é feito inteiramente de glória e louvor. (PIZAN, 2012, p. 293-294).

Como vemos, princesas, damas e mulheres das mais distintas classes acolheram a soberana rainha, a virgem Maria. Estamos diante de uma profunda revolução feminina, Christina deixa evidente que todas, absolutamente todas as damas, independentemente de sua classe, acolheram igualmente a virgem Maria. Todas as mulheres são iguais e suas condições e estratificações sociais são indiferentes diante da soberana rainha. Estamos diante de uma radicalização feminina da política. Por isso, a luta do feminismo de Christine é uma luta de superação de qualquer desigualdade e injustiça. A Justiça pede que Christine clame para que a excelsa rainha habite no castelo construído pela Retidão e passe entre todas as damas, mesmo diante da pequenez das damas ali habitantes. Este livro representa, sem dúvidas, as discussões da boa governança e as virtudes da mulher enquanto governante. Também é importante lembrar que Louis de Guyenne, filho de Isabel, fracassou em defender o direito de Isabel de governar a França diante do conselho real. A obra de Christine é uma reclamação do direito natural do governo ser atribuída a Isabel, tendo em vista a incompetência do rei. Comentadores apontam que a visão de Christina expressa no livro *A*

Cidade das Damas é uma visão singular em que a razão, a virtude e a justiça sofrem de fraude, ganância e luxo e, por isso, precisam de uma fortaleza apropriada para elas. No livro *A Cidade das Damas*, a razão e a justiça são acionadas e fundamentais para construção e defesa das mulheres prudentes e virtuosas. As três damas majestosas e fundamentais para um bom governo transmitem a Christina sua mensagem para o planejamento de um governo feminino, a cidade é orientada por mulheres prudentes e virtuosas.

... Razão, virtude e Justiça são acionadas, ajudando Christine a construir as fundações de sua edificação, planejando seus caminhos e defesas e povoando-a com mulheres prudentes e virtuosas. O trabalho se move da memória do passado da compreensão da realidade das mulheres e para o desejo de piedade representado pela Virgem Maria e pelos santos e mártires cristãos do terceiro livro. (BROAD & GREEN, 2009, p. 29, *tradução nossa*).

Da mesma forma, a cidade também é povoada por mulheres prudentes e virtuosas. Na sua obra *A Cidade das Damas*, Christina demonstra que há limites com relação aos modelos clássicos. Mais à frente, quando a cidade está quase completa, a virgem Maria e todas as mulheres virtuosas são acolhidas nesta cidade e esse acontecimento é a representação de uma cidade virtuosa. Além disso, nesta cidade há um profundo questionamento acerca da forma com que as mulheres são representadas pela literatura:

Aqui, mais do que em qualquer lugar, Christine demonstra os limites de seu respeito pelos modelos clássicos. No capítulo dezoito da terceira parte da obra, quando a cidade está quase completa e a Virgem Maria e os santos e mártires cristãos foram acolhidos nela, Justiça volta a questionar a maneira pela qual as mulheres foram representadas (BROAD & GREEN, 2009, p. 30, *tradução nossa*).

A Cidade das Damas é povoada por mulheres prudentes, virtuosas e historicamente relevantes, o que revela uma intenção clara de reconfigurar a imagem feminina diante dos discursos filosóficos dominantes. Por essa razão, a obra apresenta uma crítica direta à forma como os filósofos clássicos representavam as mulheres, frequentemente de maneira depreciativa. Essa crítica é simbolicamente encarnada pela figura da dama Justiça, que questiona os modelos tradicionais e propõe novos parâmetros éticos e políticos baseados na dignidade feminina. Assim, a denúncia da misoginia nos textos clássicos não é apenas um elemento periférico, mas constitui o núcleo da filosofia prática de Christine de Pizan. Sua crítica se volta especialmente contra as autoridades pagãs, cujas concepções foram elaboradas sem os fundamentos da revelação cristã, e por isso, segundo Christine, carecem de sabedoria plena. A leitura de *A Cidade das Damas*, portanto, reforça a compreensão de que a filosofia prática de Christine está firmemente alicerçada na defesa da igualdade entre homens e mulheres, sendo profundamente comprometida com uma ética da justiça e da razão. Este

posicionamento é representado como um conhecimento verdadeiro e que se contrapõe à Filosofia que antecede o cristianismo.

Não obstante, seria um erro aceitar essa crítica da misoginia clássica para sugerir que Christine não estava em dívida com um conceito fundamentalmente clássico e aristotélico do objetivo da organização política. Quando Christine diz que o bem comum de uma cidade é um bem geral do qual participam todos os membros, mulheres e homens, ela pressupõe uma concepção fundamentalmente aristotélica do sujeito da política. Ética e política preocupam-se com a vida florescente, e a melhor organização política é aquela que conduz a esse florescimento. No entanto, como vimos, a ideia clássica de que a felicidade é o bem maior foi transformada pelos primeiros cristãos, a fim de equiparar a bondade à participação em Deus. Christine pensa claramente que o bem das mulheres envolve seu desenvolvimento como seres virtuosos e, como veremos, muitas mulheres posteriores compartilham esse pressuposto. Virtudes são aquelas excelências de caráter favoráveis ao florescimento, e Christine herda uma abordagem do pensamento político que, portanto, se concentra na descrição detalhada do desenvolvimento da virtude. (BROAD & GREEN, 2009, p. 30, *tradução nossa*).

Sendo assim, a filosofia prática de Christine de Pizan tem uma profunda relação com o pensamento político clássico e aristotélico, mesmo que muitas vezes estejam em oposição. O bem de uma cidade é o bem que todos os membros da cidade participam, por esta razão, sua filosofia prática é fundamentada na definição de sujeito político pensado por Aristóteles. A ética e a política na perspectiva de Christine estão num contexto de florescimento da vida e da organização política. Christine argumenta que há mulheres inteligentes e de conduta mais nobres que a filosofia prática e rancorosa de Aristóteles.

Aqueles que disseram injúrias às mulheres, por inveja, são homens indignos que, tendo conhecido e encontrado um grande número de mulheres mais inteligentes e de conduta mais nobre do que a deles, tornaram-se amargos e rancorosos. Eis porque sua inveja os leva a difamar todas as mulheres, esperando sufocar e reduzir, de tal maneira, seu renome e valor, a exemplo de que não sei qual infeliz que, em um tratado pomposamente intitulado *Da Filosofia*, esforça-se para demonstrar que é inconveniente aos homens terem consideração por uma mulher, qualquer que seja ela. Ele afirma que aqueles que mostram alguma estima pelas mulheres pervertem o próprio nome de seu livro, quer dizer que, da filosofia, eles fazem “filoloucura” pelas argúcias e propósitos falaciosos que ele defende. (PIZAN, 2012, p. 77).

E aqueles que, por inveja, construíram argumentos de insultos às mulheres quando encontraram mulheres mais inteligentes e de conduta mais nobre do que a deles e, por isso, são tão amargos e rancorosos. E é esta inveja que os levam a difamar, sufocar e reduzir os argumentos das mulheres. Por esta razão, as comentadoras apontam que as virtudes ideais para uma governança na concepção de Christine proporcionam a ideia de igualdade a aquelas que legitimamente usam do seu poder para uma boa governança.

Ela oferece uma concepção compassiva e cuidadosa do monarca legítimo que difere consideravelmente dos modelos anteriores e posteriores, tanto na falta de ênfase na importância da descendência masculina como origem da legitimidade quanto na desconfiança do uso da força bruta. (BROAD & GREEN, 2009, p. 30-31, *tradução nossa*).

O argumento de Christine de Pizan usado para o desenvolvimento da sua filosofia prática na obra *A Cidade das Damas* é uma argumentação favorável à autoridade política e à competência das mulheres em governar. Por esta razão, ela tem um pensamento original com relação às virtudes necessárias para que uma dama monarca construa um governo temporal virtuoso. Ela começa o livro *A Cidade das Damas* tecendo um comentário da obra *Meteolo*, uma obra latina e traduzida por Jean Le Fevre de Resson, em 1274. Ela afirmando que riu quando leu *Meteolo* e continua: “... ainda não o havia lido, mas sabia que, entre outros livros, esse tinha a reputação de falar mal das mulheres!” (PIZAN, 2012, p. 58). Contudo, foi a partir da leitura desse livro que:

Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderia ser as causas e motivos que levaram tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste *Meteolo*, - quem não incluiria entre os sábios, pois seu livro não passa de uma gozação -; mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício (PIZAN, 2012, p. 58-59).

Ela argumenta que o livro *Meteolo* provoca uma reflexão acerca da motivação dos homens maldizer as mulheres e a condenar suas condutas e práticas nos seus tratados escritos, colocando sempre a mulher em condição má e inclinada ao vício e com isso os leitores a entenderiam em grau de inferioridade e, inclusive, ela chega a argumentar que nenhum texto de Filosofia está isento disso. Por este motivo,

a linguagem desses velhotes é, geralmente, lúbrica e devassa, como podes contatar nesse *Meteolo* que ele próprio se diz velhote, cheio de concupiscência, mas impotente; seu exemplo te mostra bem a verdade do que estou dizendo, e posso te assegurar que o mesmo acontece com muitos outros (PIZAN, 2012, p. 76).

Ela argumenta que os escritos filosóficos mostram e confirmam aquilo que ela diz sobre aquele *Meteolo* e sobre muitos outros livros. Mas, Christine acredita que as mulheres têm entendimento suficiente para aprender as leis e a experiência provava justamente o contrário daquilo que os filósofos clássicos diziam a respeito das mulheres. Tem-se conhecimento de inúmeras mulheres cujo exemplo e história demonstram a competência de todas elas no passado, bem como, no presente.

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova, justamente, o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres

que reinaram no passado. E, a fim de que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PIZAN, 2012, p. 92).

Assim, o que Christine propõe é que há numerosas mulheres no passado e no presente, na ciência e na filosofia que aprenderam coisas bem mais difíceis e nobres. Elas contribuíram mais do que aqueles que por descuido ou inveja reduzem e silenciam tantas mulheres na filosofia e na ciência. E para aqueles que afirmavam que a mulher não tinha nenhuma vocação ‘natural’ pela política e pela ordem pública, Christine de Pizan lembra a todos os seus leitores em *A Cidade das Damas* o exemplo de inúmeras mulheres ilustres e virtuosas que governaram com virtude e inteligência. Curiosamente, o que pudemos perceber e destacar é que na visão madura de Christine de Pizan no *Livro da Paz*, texto que contém as formulações do seu pensamento sobre o bom governo, ela continua com o desenvolvimento de suas ideias políticas fundamentais já apontadas aqui no livro *A Cidade das Damas*. Contudo, no *Livro da Paz*, Christine trata da arte do bom governo e expande sua concepção de filosofia prática e política a todos aqueles com o intuito de governar bem, sejam homens ou mulheres. É um livro dedicado à reflexão de um governo virtuoso.

O ponto central da compreensão de Christine da arte de governo é que ela deve ser direcionada ao bem comum e guiada pela sabedoria e pela virtude que ela chama de “prudência”. (PIZAN, 2008, p. 22, tradução nossa, *tradução nossa*).

O bom governo deve ter a intenção e direção ao bem comum e essa pretensão tem a finalidade de que governo guiado pela sabedoria e virtude seja prudente, e a prudência aqui é entendida em concordância com a concepção aristotélica de prudência. É um livro da maturidade de Christine que ela pensa um governo justo, a filosofia prática de Christine de Pizan era pautada na ideia da Justiça, da atualização do reino dos céus aqui mesmo, na terra. Segundo Karen Green (2008, p. 24):

No *Livro da Paz*, Christine oferece uma visão utópica de um governante inteligente e justo, capaz de seguir o conselho daqueles que são mais velhos e mais sábios, trabalhadores, amantes da paz, clemente e, ao mesmo tempo, firmes na justiça. Apesar da lamentável situação política de seu tempo, ela nunca desiste de seu otimismo de que a paz e a justiça sejam possíveis na Terra e no céu. Aqui pode-se detectar a influência de Dante em seu pensamento político. (GREEN, 2008, p. 24, *tradução nossa*).

No *Livro da Paz* ela trabalha para que o Delfim da França seja respeitado pela sociedade, Delfim era o título de herdeiro da coroa francesa. Para que Delfim seja respeitado ela recomenda que suas ações na administração pública sejam justas e moralmente

condizentes com sua função. Talvez, a utopia de Christine fosse uma utopia da paz. Por isso, ela faz algumas recomendações ao Delfim no *Livro da Paz*. Explica Green (2008, p.28):

Também no Livro da Paz, ela trabalha para incentivar o respeito à monarquia e incentiva o delfim a merecer esse respeito. Ele deve administrar a justiça prontamente e com firmeza, tornar-se um exemplo digno da dignidade de seu cargo, evitar a ira e a crueldade, ser aberto, clemente e sincero. Ele deve se colocar à disposição dos súditos e vestir-se sempre da maneira apropriada à sua posição. De um ponto de vista moderno, essa imagem aparece como um clichê. Se as monarquias pudessem garantir a si mesmas tais monarcas, elas poderiam oferecer um bom governo, mas as monarcas são humanas, e os humanos, colocados em uma posição de poder excessivo, raramente são capazes de viver de acordo com esse ideal. Em breve, a insistência de Christine de que um rei deveria dar bons conselhos se tornará a exigência de que o poder do monarca seja restringido por conselho. Mas Christine nunca discute tais restrições formais ao poder do monarca. No entanto, não devemos julgar a originalidade de Christine pelo que veio depois, mas em relação às imagens e textos disponíveis para ela, e neste trabalho podemos vê-la estampando sua própria marca bastante original na tradição do virtuoso príncipe cristão. (PIZAN, 2008, p. 28, *tradução nossa*).

A boa governança deve estar comprometida com a justiça e a prudência. O Delfim deve evitar a ira e a crueldade aos seus súditos, bem como, sempre se colocar à disposição deles. Contudo, o monarca é humano e consequentemente não está isento de erros, isso faz Christine pensar na possibilidade de um conselho que pudesse auxiliar quem governa e estabelecer limites para quem governasse com destemperança. Contudo, ela não deixa esmiuçada qual seria a atribuição precisamente deste conselho. Ao pensar a virtude de um príncipe cristão, Christine de Pizan organiza a imagem de um governante, seja ele homem ou mulher. Sendo assim, explica Karen Green (2008, p. 30):

quando se leva em conta a totalidade da obra de Christine, vê-se que ela pintou o retrato de um monarca cristão ideal, que é um governante sábio e prudente, e esboçou um papel que poderia ser desempenhado por uma mulher e também por um homem. (GREEN, 2008, p. 30, *tradução nossa*).

A virtude na filosofia prática de Christine direciona o sentido e a centralidade que as mulheres têm na totalidade dos seus escritos filosóficos. Nesta direção, todos podem atingir a excelência humana e o governo deve ser o fio norteador e o provocador da virtude e da excelência humana na sociedade. Por isso, ela corrige o argumento dos filósofos antigos e ressalta que as mulheres não são homens defeituosos, mas como todos os demais são capazes construir uma cidade virtuosa aqui mesmo, neste mundo e sem necessidade de recorrer a outro para exercer a excelência nas ações virtuosas. Nesse sentido, ela constrói uma concepção geral bem elaborada da natureza humana, pautada pela excelência e a virtude que defende em sua filosofia prática. Por isso, a ideia de felicidade e bem comum à sociedade é repensada pela filósofa. Em sua filosofia prática Christine pensa que a ideia de felicidade e bem maior foi transformada pelos primeiros cristãos e foi equiparada pelos primeiros cristãos

com a bondade de Deus. Logo, a filosofia prática de Christine de Pizan parte de sua preocupação com a inserção das mulheres na vida prática, que deve ser uma preocupação compartilhada entre todos os concidadãos. Sem dúvida, Christine considera que nos modelos clássicos predominam o maldizer as mulheres como aventuras hipócritas.

Outros homens condenaram as mulheres por outras razões: uns por conta de seus próprios vícios, outros devido à enfermidade de seu próprio corpo, outros por pura inveja, outros ainda porque adoram maldizer. Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontraram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já se foi dito. Aqueles que fazem devido a seus próprios vícios, considero que perderam sua juventude na depravação, abandonando-se à promiscuidade. O considerável número de suas aventuras os fez tornarem-se hipócritas. (PIZAN, 2012, p. 75-76).

As mulheres eram frequentemente condenadas por pura inveja, e as justificativas apresentadas por muitos autores serviam apenas para maldizê-las. Outros pensadores não reconheceram a importância das mulheres simplesmente porque, ao lerem obras anteriores onde elas eram ausentes ou depreciadas, limitaram-se a reproduzir passivamente esses discursos, optando pelo silêncio e pela omissão. Alguns desprezavam as mulheres não por argumentos racionais, mas porque, ao se entregarem à própria promiscuidade, projetavam sua culpa nas mulheres e, para encobrir seus próprios vícios, preferiam silenciá-las. Para Christine de Pizan, essa ausência das mulheres dos espaços públicos, bem como a depreciação sistemática de sua imagem — tanto pública quanto privada —, revela-se como uma aventura hipócrita e injusta.

Em oposição à maioria de seus contemporâneos, Christine afirma que as mulheres são também portadoras de virtude. Nessa direção, sua filosofia prática baseia-se na ideia de que a virtude é um bem comum, acessível a todos, homens e mulheres. Como herdeira desse ideal de florescimento moral e político, ela defende que a virtude é uma qualidade essencial a todo cidadão, e não um atributo exclusivamente masculino. De fato, o tema das virtudes necessárias a um bom governo é recorrente nos textos de filosofia política da Idade Média. Contudo, embora dialogue com os principais autores de sua época, Christine de Pizan rompe com a tradição ao propor um modelo de governo virtuoso desvinculado da dominação masculina.

Sua filosofia prática, expressa de forma exemplar em *A Cidade das Damas*, pode ser compreendida como uma antecipação crítica dos tratados modernos sobre a política e o poder. Ao escrever sobre uma cidade edificada por e para mulheres virtuosas, Christine estabelece as bases para um pensamento político que ultrapassa os limites da exclusão de gênero e antecipa preocupações que serão retomadas por autores modernos. A obra de

Christine, portanto, deve ser vista não apenas como uma resposta ao seu tempo, mas como uma semente singular de uma filosofia política voltada à justiça, à razão e à inclusão — fundamentos indispensáveis para a construção de qualquer cidade verdadeiramente virtuosa.

Referências Bibliográficas

ALIGHIERI, Dante. **Monarquia**. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Trad. Alexandre Corrêa. São Paulo: Loyola, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BROAD, Jacqueline & GREEN, Karen. **A History of Women's Political Thought in Europe 1400-1700**. New York: Cambridge University Press, 2009.

DEPLAGNE, Luciana. O Parto de Christine: o exercício do diálogo retórico como construção do conhecimento no Livro A Cidade Das Damas (1405), de Christine de Pizan:(Christine's Delivery: the exercise of rhetoric dialogue in the construction of knowledge in the book The City of Ladies (1405), by Christine de Pizan). In: **Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 20, n. 1, p. 252-274, 2020.

HULT, David F. **Christine de Pizan and the moral of history**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

PIZAN, Christine de. **The book of peace**. Karen Green, Contant J. Mews & Janice Pinder (Eds.). Pensilvânia: Pennsylvania State University, 2008.

GREEN, Karen. Introduction. In: **The book of peace**. Karen Green, Contant J. Mews & Janice Pinder (Eds.). Pensilvânia: Pennsylvania State University, 2008.

SCHMIDT, Ana Rieger. **Christine de Pizan**. Blogs de Ciência da universidade estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2020.

Data da submissão: 30 Ago 2024.

Data do aceite: 30 Nov 2024.

Publicado em 08 Mai 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).

Rev. Helius	Sobral	v. 5	n. 2	p. 57-82	Especial
-------------	--------	------	------	----------	----------